

o sentido comercial dos encontros
dos europeus com as novas terras. 15-6-
a ideia de povoamento só surge quando
constatada a impossibilidade da ação co-
mercial numa vasta terra desabitada,
ou habitada por populações selvagens. 16-
o colono viria para as terras da
América para adquirir a produção, só
a contraposto como trabalhador. Sem
outros trabalhadores para 16-20-
Aqui chegados os colonos, criam-
se entre nós, como forma de explo-
ração própria, a grande proprie-
dade que caracteriza

ANEXOS caracterizar
todo o movimento de desenvol-
vimento. Nesta forma, a grande
maioria dos colonos estabeleceu,

— Moedas brasileira.

— População do Brasil em diferentes épocas.

— Comércio exterior do Brasil de 1821 a 1940.

des de o início de sua chegada
às novas terras, suas relações
com os Senhores das terras propi-
etárias a fase da subordinação. 20-1

O início da colonização efetiva do
Brasil através de Capitães cujos do-
natários inauguraram o poder
vertical. Calia. Mas a nomeação
de autoridades administrativas,
juizes, etc. 32-3

A grande propriedade, a monoculta-
ra e o trabalho escravo - 34

As bandeiras - capa ao índio - e a
expansão territorial brasileira - 36

a experiência dos portugueses no
negócio da escravidão - o escravo
negro substituto do índio - 36-7

O sentido centrífugo de nossa economia:
a cultura florissante do tabaco, que viria
a fazer mercados europeus, fundou-se, sobretudo
do como forma de escambo ^{para trocar} nas costas
africanas, do negro. A medida que
começa a haver restrições ao tráfico, a
medida também a cair a produção do
tabaco, agora em crise - 39-40

Este aspecto centrífugo e o sentido
complementar de nossa economia - 41
Os centros urbanos, mesmo importantes,
e sua dificuldade de manutenção,
a economia de subsistência forte-
mente sacrificada pela monocultu-
ra de cana. As leis e tentativas várias
para o desenvolvimento de outras
culturas - pequenas - que sobreviverem de
base à economia de subsistência sem
pre baldadas, sempre vencidas pela
fôrça dos grandes latifundiários que
enfiados de seus lucros com a
cana não iriam fazer - 1.º e concor-
rência com a mandioca - 41-2-3.

De um plantador e filho de plantadores
de cana de Pernambuco, com quem
conversávamos a respeito da nova
cultura da cana em nossos dias, ouvi
esta afirmação -

- "Foi plantando cana que meu pai
nos educou e formou a todos e
eu educo hoje meus filhos. Plantando
mandioca é que não teríamos
feito nada!"

É exatamente este duplo aspecto da
economia brasileira - a grande produção de

de latifundiária, escravocrática e bu-
nocultora e a economia de subsis-
tência asfixiada por aquela - que expli-
ca a falta mais primitiva de satisfa-
ções - a fome - 44

a centralização do poder metropolitano -
a limitação da força das câmaras
municipais - 51-2-

MOEDA BRASILEIRA

O padrão monetário herdado pelo Brasil de Portugal, era de Rs. 1\$600 por oitava de ouro (3,586 gramas), o que dava para o mil-réis o valor de 67d. (dinheiro ou pence, moeda inglesa, em que até a última guerra sempre se computou o câmbio oficial brasileiro.) Contudo o valor do papel-moeda, que se começou a emitir no Brasil em 1808, variou muito. Ele nunca foi conversível em ouro. Em 1833, devido à grande desvalorização, quebrou-se o padrão monetário brasileiro, que passou a ser de Rs. 2\$500 por oitava de ouro de 22 quilates (lei de 8 de outubro de 1833.) Nesta base, o mil-réis valia 47 1/5 d. Em 1846, nova quebra do padrão (lei de 11 de setembro), passando a oitava de ouro a valer Rs. 4\$000, correspondendo ao câmbio sobre a Inglaterra de 27 d.

Este padrão vigorou legalmente até 1948, pois a reforma monetária de 1926 (mil-réis do valor de 200 miligramas de ouro do toque de 900 mg.) não chegou a seu termo. Mas isso não impediu a desvalorização contínua do mil-réis depois cruzeiro papel.

Pela convenção de Bretton Woods, E. U. A. (julho de 1944) de que participaram 44 países, inclusive o Brasil, e que instituiu o Fundo Monetário Internacional, obrigaram-se os signatários a fixar definitivamente a paridade de suas moedas respectivas. Em julho de 1948 o Brasil deu cumprimento a essa obrigação, tendo comunicado ao Fundo a nova taxa oficial de sua moeda: Cr\$ 18,50 por dólar norte-americano. Ficou assim padronizado o valor do cruzeiro em 0,048 036 gramas de ouro, o que representa um valor quase 19 vezes menor que o do mil-réis do padrão de 1848.

A indústria da mineração e seus dois
maiores sérios óbices: falta de recursos
materiais e de recursos técnicos.

Background negativo a essas duas
deficiências: falta de espírito solidário,
associativo com que poderiam diminuir

suas as deficiências materiais in-
 dividuais e falta de educação, falta
 de preparo técnico, de fiscalização o
 poder central se lembrara - 62 -
 Em vez de técnicos para dirigir as habi-
 lhos da mineração mandaram-nu
 para cá fiscais.!! 62

POPULAÇÃO DO BRASIL

ANOS	LIVRE	ESCRAVOS	TOTAL
1576	—	—	57.000 (?)
1776	—	—	1.900.000 (?)
1800	2.000.000	1.000.000	3.000.000 (?)
1823	2.813.351	1.147.515	3.960.866
1850	5.520.000	2.500.000	8.020.000
1872 (recenseamento)	8.601.255	1.510.806	10.112.061
1887	—	723.419	—
		(censo oficial)	
1890	—	—	14.333.915
1900	—	—	17.318.556
1920 (recenseamento)	—	—	30.635.605
1940 (")	—	—	41.565.083
1950 (")	—	—	51.941.767

COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL POR DECÊNIOS (1821-1940)

DECÊNIOS	Exportação	Importação	Exportação	Importação
	CONTOS DE RÉIS		EM £ £ 1.000	OURO
1821-1830	243.263	265.164	39.097	42.504
1831-1840	348.258	385.742	45.205	54.291
1841-1950	487.540	540.944	54.680	60.999
1851-1860	900.534	1.016.686	102.007	115.280
1861-1870	1.537.175	1.347.514	149.433	131.866
1871-1880	1.963.718	1.621.251	199.685	164.929
1881-1890	2.411.006	2.102.297	220.725	192.361
1891-1900	7.349.258	6.397.324	291.017	252.817
1901-1910	8.123.578	5.391.775	476.222	318.843
1911-1920	12.300.768	9.960.223	688.038	546.906
1921-1930	32.797.144	27.321.166	805.848	674.479
1931-1940	41.978.656	36.650.153	377.024	300.349

mais uma vez o traço marcante de
 nossa economia colonial: fornecer ao
 estrangeiro matéria prima 104-5

O regime escravocrata teve influência muito negativa na formação profissional da colônia - Deu tudo tirando as meras a experiência profissional que lhe advieram como aprendizes. De outro, criando uma disposição mental prejudicada com relação aos trabalhos manuais - 105 (A indústria nos

ÍNDICE

PRELIMINARES (1500-1530)

1. O meio geográfico 9
2. Caráter inicial e geral da formação econômica brasileira .. 13
3. Primeiras atividades. A extração do "pau-brasil" 25

A OCUPAÇÃO EFETIVA (1530-1640)

4. Início da agricultura 31
5. Atividades acessórias 41

EXPANSÃO DA COLONIZAÇÃO (1640-1770)

6. Novo sistema político e administrativo na colônia 49
7. A mineração e a ocupação do Centro-Sul 57
8. A pecuária e o progresso do povoamento no Nordeste 67
9. A colonização do vale amazônico e a colheita florestal .. 71

APOGEU DA COLÔNIA (1770-1808)

10. Renascimento da agricultura 81
11. Incorporação do Rio Grande do Sul. Estabelecimento da pecuária 95
12. Súmula geral econômica no fim da era colonial 103

A ERA DO LIBERALISMO (1808-1850)

13. Libertação econômica 125
14. Efeitos da libertação 135
15. Crise do regime servil e abolição do tráfico 145

O IMPÉRIO ESCRAVOCRATA E A AURORA BURGUESA (1850-1889)

16. Evolução agrícola 161
17. Novo equilíbrio econômico 173
18. A decadência do trabalho servil e sua abolição 177
19. Imigração e colonização 187
20. Síntese da evolução econômica do Império 197

A posição da metrópole contra o desenvolvimento industrial da colônia - 110

A REPÚBLICA BURGUESA (1889-1930)

21. Apogeu de um sistema	213
22. A crise de transição	223
23. Expansão e crise da produção agrária	231
24. A industrialização	263
25. O imperialismo	275

A CRISE DE UM SISTEMA (1930-?)

26. A crise de um sistema	291
---------------------------------	-----

A CRISE EM MARCHA (1956)

27. A crise em marcha	305
-----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	339
--------------------	-----

ANEXOS

Moeda Brasileira — População do Brasil em diferentes épocas — Comércio exterior do Brasil de 1821 a 1940	343
--	-----

Quem não fosse escravo e não
pudesse ser senhor passava a en-
grosar o grupo cada vez maior
de desajustados e marginais, sen-
nada de certo por fazer. A indus-
trialização incipiente foi formando
seus quadros proletários nesta
massa marginal: 203-

Só no século XIX é que surge
a pequena propriedade 255
Causas desse surgimento